

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE  
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

**MAYNARA FERREIRA DA SILVA**

**EFEITOS ADVERSOS DECORRENTES DO USO PROLONGADO DE FÁRMACOS  
ANTICONCEPCIONAIS**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado em forma de artigo, como requisito do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (CEUB), sob orientação do Prof. Dr. Danilo Avelar Sampaio Ferreira.

BRASÍLIA-DF  
2021

## **Efeitos adversos decorrentes do uso prolongado de fármacos anticoncepcionais**

Maynara Ferreira da Silva<sup>1</sup>  
Danilo Avelar Sampaio Ferreira<sup>2</sup>

### **Resumo**

Os anticoncepcionais são um dos métodos contraceptivos mais utilizados pela população feminina, com a finalidade de impedir uma gravidez indesejada, ou como forma de tratamento devido algum distúrbio relacionado ao aparelho reprodutivo. Entretanto, o seu uso pode acarretar alguns efeitos adversos. Diante do exposto, o trabalho propôs identificar a relação do uso de anticoncepcionais com o risco e a ocorrência de efeitos adversos devido ao uso prolongado. Tratou-se de um estudo de revisão narrativa, com a seleção de artigos completos de acesso livre, nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico. Com o estudo, concluiu-se que os anticoncepcionais podem ocasionar efeitos adversos comuns, como cefaleias, náuseas, vômitos e irregularidade do ciclo menstrual. O uso prolongado desses fármacos promove alterações em várias vias metabólicas do corpo, causando o risco de desenvolver vários agravos à saúde, como tromboembolismo, acidente vascular cerebral, hipertensão e sensibilidade à insulina.

**Palavras-chave:** Anticoncepcionais. Efeitos adversos. Saúde da mulher.

## **Adverse effects from prolonged use of contraceptive drugs**

### **Abstract**

Contraceptives drugs is a very common method used by female with the goal of prevent pregnancy unwanted or to treat some disturb at the reproduction organs. However, the use can also cause adverse effects. Give the above, this study proposed to identify the relationship between the use of contraceptives and the risk and occurrence of adverse effects due to prolonged use, It was a narrative review study, with the selection of full articles with open access, in the Virtual Health Library (Brazilian BVS) and Google Scholar databases. With the study, it was concluded that contraceptives can cause common adverse effects, such as headache, nausea, vomiting and menstrual cycle irregularity. The prolonged use of these drugs promotes changes in various metabolic pathways in the body, causing the risk of developing various health problems, such as thromboembolism, stroke, hypertension and insulin sensitivity.

**Keywords:** Adverse effects. Contraceptives. Women's health.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Enfermagem – CEUB.

<sup>2</sup> Professor Titular da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, do Curso de Bacharelado em Enfermagem – FACES/CEUB.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade vem passando por modificações culturais e sociais, ao longo dos anos, devido a novos comportamentos e pensamentos em relação à sexualidade. Tais mudanças interferem diretamente no comportamento dos jovens, que têm iniciado sua vida sexual cada vez mais cedo (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

O baixo acesso às informações e a sexualidade precoce, são condições que podem levar a uma gestação não desejada. Assim, é de suma importância ter acesso às informações sobre métodos contraceptivos, para que as pessoas tenham a liberdade de escolha para o método que se adeque melhor ao seu comportamento sexual e à sua condição de saúde / à sua individualidade biológica. Desta forma, adversidades de uma gravidez indesejada, abortos provocados, mortalidade materna e outros agravos podem ser evitados (GIOTTO; FREITAS, 2018).

Nesse contexto, no ano de 1996, foi aprovada no Brasil a lei nº 9.263, que trata sobre o Planejamento Familiar como um direito da mulher, do homem ou do casal, e que tem por finalidade a garantia de acesso a meios educacionais, a ações preventivas, a métodos e a técnicas que visam à regulação da fecundidade (FERRERA et al., 2019; BRASIL, 1996).

Na atualidade, a Atenção Primária à Saúde oferta diversos métodos contraceptivos à população, com facilidade de acesso e informações ao casal, na escolha do método em que melhor se adapta à sua realidade. No geral, a busca pelo método e a escolha sobre ele é considerada como uma prerrogativa da mulher, visto que existe maior prevalência de métodos contraceptivos femininos e uma baixa participação masculina neste processo, sendo que esta população tem aderido mais à vasectomia e ao uso de preservativo, mas, ainda assim, em baixa frequência (BRANDT; OLIVEIRA; BURCI, 2018).

Atualmente, 80% das mulheres em idade fértil utilizam métodos contraceptivos, os quais podem ser divididos em dois grupos: os reversíveis e os definitivos. Os reversíveis, que são métodos comportamentais, como os dispositivos intrauterino (DIU), preservativo feminino e masculino (“camisinha”), a pílula oral, a minipílula, a forma injetável mensal, a injetável trimestral, a pílula anticoncepcional de emergência (“pílula do dia seguinte”), o diafragma e os anéis medidores. Já os métodos definitivos, compreendem procedimentos cirúrgicos ou de esterilização, como as ligaduras das tubas e a vasectomia (VIEIRA et al., 2016; BRANDT; OLIVEIRA; BURCI, 2018).

Prado e Santos (2011) desenvolveram um estudo relacionado ao consumo de fármacos anticoncepcionais, no setor público, e apresentaram que 41% das entrevistadas utilizavam método hormonal, sendo que 25,5% usavam a pílula anticoncepcional (anticoncepcional oral) e 15,5% faziam injeção mensal. Já em relação ao setor privado, 20%

faziam uso de anticoncepcional oral e 4% de injeção mensal. Entretanto, o método mais utilizado foi o definitivo, representando 26%, sendo 18% por laqueadura tubária e 8% por vasectomia no parceiro.

O avanço da fisiologia endócrina permitiu ao fisiologista britânico Ernst Starling criar o conceito “hormônios”, que foi definido como mensageiros químicos, que são produzidos e liberados pelos órgãos reprodutores, exercendo os seus efeitos regulatórios em seus alvos. Com o avanço dos estudos, identificaram-se as gônadas masculinas e femininas, que produziam tais secreções. Com isso, chegou-se ao conceito de “hormônios sexuais” (DIAS et al., 2018).

Diante disso, no século XX, foi criada a pílula anticoncepcional, pelo cientista Gregory Pincus, que, inicialmente, foi vendida no mercado norte-americano com o nome de Enovid-10. A princípio, os fármacos eram utilizados para o tratamento de problemas no ciclo menstrual, porém, em consequência de críticas, em razão aos seus efeitos adverso, em 1960, passou a ser mais utilizada para fins contraceptivos (FERREIRA; D’AVILA; SAFATLE, 2019).

Os fármacos anticoncepcionais são os métodos mais utilizados pela população feminina brasileira, que tem como objetivo a prevenção de uma gravidez indesejada. Também conhecido popularmente como pílulas anticoncepcionais, são hormônios sintéticos, parecidos com os produzidos pelo ovário, podendo ser classificados em gerações, de acordo com a concentração da dose de estrogênio (SAMPAIO et al., 2019).

A utilização dos fármacos anticoncepcionais pode trazer efeitos benéficos para essa usuária, mas, em contrapartida, esses fármacos podem trazer riscos / efeitos maléficos para o organismo dessa mulher. Dependendo do tempo de utilização, podem ocasionar distúrbios fisiológicos, até processos fisiopatológicos (OMS, 2007).

Diante disso, os efeitos adversos causados por esses fármacos têm causado sua descontinuação. De acordo com um estudo realizado por Bahamondes e colaboradores, em 2011, nos Estados Unidos (EUA), a prevalência de usuários que abandonaram o uso do medicamento foi de 37%. Em relação ao Brasil, aproximadamente 57% alegaram ter trocado de método por causa dos efeitos adversos (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

Visto que se observa alta prevalência no uso de anticoncepcionais pela população feminina, este estudo foi motivado pela importância de identificar e entender quais são os principais efeitos adversos que esses fármacos podem ocasionar no organismo das mulheres. Diante disso, descreveu-se como objetivo correlacionar o uso de anticoncepcional com o risco e com a ocorrência de efeitos adversos devido ao uso prolongado, buscando responder à seguinte questão norteadora: “quais são/seriam os potenciais efeitos adversos decorrentes do uso prolongado de fármacos anticoncepcionais?”.

Deste modo, a finalidade foi trazer o saber científico e conhecimentos sobre os prejuízos que esses fármacos podem trazer à saúde. Além disso, servir de incentivo à busca de métodos menos nocivos à saúde dessas consumidoras e, por fim, fornecer subsídio científico para as discussões para a elaboração de políticas públicas voltadas para essa população.

## **2 MÉTODO**

A presente pesquisa se constituiu como um estudo de revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa, por meio de análise e interpretação da literatura científica já existente. Nesta, fez-se uma seleção de artigos completos de acesso livre, relacionados à temática principal, com os descritores: saúde da mulher, anticoncepcionais e efeitos adversos, com um período de publicação compreendido entre 2010 e 2021. Assim, foram selecionados 40 artigos e excluídos cinco, por não terem relação com a temática principal ou por terem sido publicados no período proposto. A coleta de dados foi realizada por meio de veículos eletrônicos / bases de dados científicas, assim, restringindo a busca através da base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no Google Acadêmico.

## **3 DESENVOLVIMENTO**

### **3.1 A atuação do anticoncepcional no organismo humano**

No século XX, os “hormônios sexuais” foram identificados e sintetizados, dando origem à primeira pílula anticoncepcional, que foi desenvolvida pela Searle, e denominada Enovid. Este fármaco foi comercializado após a autorização da *Food and Drug Administration* (FDA) e foi distribuído, previamente, nos EUA, mas, aos poucos, propagou-se pelo mundo (BONAN; TEIXEIRA; NAKANO, 2017).

O anticoncepcional hormonal combinado oral vem sendo uns dos métodos mais utilizados após a sua distribuição, assim, mais de 200 milhões de mulheres vêm utilizando o fármaco. Atualmente, existem várias novas formulações da pílula, que veio com intuito de diminuir os efeitos adversos das anteriores, deste modo, possuindo como base a combinação de hormônios, usualmente estrogênio e progestágenos sintéticos (LIMA et al., 2019).

Esses fármacos são utilizados com o intuito de adiar ou evitar uma gestação, por meio de níveis constantes de progesterona e estrogênio, promovendo a inibição da liberação de hormônio folículo estimulante (FSH) e do hormônio luteinizante (LH) pela

hipófise. Isso ocorre por meio do mecanismo de “feedback”, impedindo, assim, com que os óvulos amadureçam, logo, diminuindo o risco da fecundação (MAGALHÃES; MAROTO; SANTOS, 2017).

Devido à inibição da secreção de FSH, observa-se a supressão do desenvolvimento do folículo ovariano e a inibição da secreção do LH, impedindo a ovulação. Esse mecanismo também ocasiona o espessamento do muco cervical, o qual dificulta a passagem dos espermatozoides, tornando o endométrio não receptivo à implantação, como também, causando alterações na secreção e na peristalse das tubas uterinas (FERRARI; ANDRADE, 2015).

Os progestágenos têm como finalidade ações anticonceptivas, além de promover a diminuição de reações ocasionadas pelo estrogênio. Além disso, esse composto apresenta efeitos antagonistas aos estrogênios, visto que provoca redução da mitose celular, diminuição dos números de receptores extrínsecos e estímulo da diferenciação secretória endometrial (ARAÚJO et al., 2016).

Diante do que fora exposto, pôde-se observar que os contraceptivos atuam em três principais mecanismos de ação. Primeiro, após serem ingeridos, estes fármacos são absorvidos pelo intestino e adentram à corrente sanguínea, onde são distribuídos até chegarem à hipófise e aos ovários, onde exerce a função de impedir uma ovulação. O segundo ponto é que promovem o espessamento do muco cervical, dificultando a passagem do espermatozoide. E por fim, o terceiro mecanismo consiste em evitar com que o endométrio esteja apto para a gestação (LIMA et al., 2019).

Além disso, é importante ressaltar que, ao utilizar o método, é necessário ter uma avaliação prévia com um profissional da saúde, em que são averiguadas possíveis contraindicações para o seu uso. Pois, o uso associado de anticoncepcionais com alguns medicamentos, como Rifampicina, anticonvulsivantes e anti-retrovirais, pode provocar interação medicamentosa, desta forma, ocasionado efeitos maléficos, baixa efetividade e o risco de uma gestação indesejada (BREDEE; FERREIRA; MENDES, 2019).

### **3.2 Formulações das pílulas anticoncepcionais**

Os métodos anticoncepcionais podem ser classificados em dois tipos. Os reversíveis compreendem os métodos de barreiras, dispositivos intrauterinos hormonais e de emergência, e os irreversíveis, são a vasectomia e a esterilização cirúrgica feminina. Diante disso, podem ser encontrados em diversas vias de administração, como a via oral, implantes subdérmicos, transdérmicos, intramuscular, vaginal e associados ao sistema intrauterino (RIBEIRO et al., 2018).

As pílulas anticoncepcionais podem ser encontradas em formulações isoladas (somente o progestagênio) ou combinadas (ou seja, estrogênio relacionado a um

progestagênio). Esses fármacos são classificados de acordo com a dose de estrogênio e divididos em geração. Sendo assim, em relação à 1ª geração, verificam-se doses de 0,150 mg de etinilestradiol; já a 2ª geração, têm doses de 0,050 mg de etinilestradiol. A 3ª geração, apresenta dose de 0,030 mg de etinilestradiol. E, por fim, a 4ª geração, com dose 0,020 mg de etinilestradiol (ÁLVARES; SOUSA, 2018).

Além disso, esses fármacos podem ser encontrados de forma monofásica, os quais possuem 21, 24 ou 28 comprimidos com a mesma composição (etinilestradiol e um progestágeno). Em relação aos bifásicos, são divididos em duas fases, mas tendo a mesma composição. E, por fim, os trifásicos, que possuem três fases, com diferentes dosagens hormonais (HAERTEL et al., 2020).

Usualmente, o fármaco mais utilizado são as cartelas que possuem 21 comprimidos, conseqüentemente, para um período de 21 dias, com uma pausa de sete dias, contabilizando 28 dias. O primeiro comprimido do ciclo deve ser ingerido no quinto dia do novo ciclo e tendo que ser consumir um novo comprimido a cada 24 horas, seguindo até o 25º dia do ciclo, consumido regularmente sem falhas, para a melhor eficácia. Após o final do último comprimido, ocorre a pausa de sete dias, em que, passadas de 48 a 72 horas, ocorrem a menstruação (LOPES, 2014).

Além de tudo, os anticoncepcionais podem ser utilizados como contracepção de emergência. São empregados quando não é utilizado nenhum tipo de método contraceptivo ou ocorre a falha do método de barreira não hormonal, os quais são utilizados com o intuito de evitar uma gestação. O contraceptivo de emergência é aplicado em dose única de 1,5 mg de levonorgestrel ou duas doses de 0,75 mg, em um intervalo de 12 horas. Indica-se a administração até às 72 horas após a relação, porém, quanto maior o tempo para a aplicação, menor será a eficácia (ARAÚJO et al., 2016).

No momento atual, as indicações do uso estendido da pílula anticoncepcional é uma preferência da população feminina, devido à redução dos sintomas oriundos do período menstrual. Entretanto, a privação de hormônios promove um sangramento artificial, que é visto por muitos como algo não benéfico, por modificar a fisiologia do corpo. Porém, o sangramento mensal é algo não desejado por essa população e, com isso, 80% das mulheres que utilizam esse método, alegam ser “por motivos pessoais” (MACHADO et al., 2011; HAERTEL et al., 2020).

Diante do exposto, a pílula vem sendo utilizada por muitas como um regime estendido, ou seja, o uso superior a 28 dias de comprimidos ativos, sem que ocorram pausas, além disso, podem ser encontradas variações com pausas entre trimestres. Nos EUA, 81% dos profissionais da saúde alegaram que prescreveram contraceptivos de forma estendida, corriqueiramente, enquanto entre os alemães, 97% já receitaram em regime por

tempo indeterminado, de acordo com o desejado das pacientes ou por questões médicas (MACHADO et al., 2011).

### **3.3 Benefícios e malefícios do uso de anticoncepcionais**

Em relação ao uso de anticoncepcionais, pode-se verificar que trazem alguns benefícios à saúde das consumidoras, como a diminuição do fluxo menstrual, promoção da melhora dos sintomas pré-menstruais, como da dismenorreia, da endometriose e diminuição do risco de ocorrência de cistos ovarianos, de câncer ovariano e de câncer endometrial (FERREIRA; D'AVILA; SAFATLE, 2019).

Além disso, pode diminuir a incidência de doença inflamatória pélvica (DIP) e de gravidez ectópica (tubária). Proporcionam, ainda, a promoção do planejamento familiar, evitando uma gravidez indesejada e possibilitando o planejamento reprodutivo de forma consciente e programada, sendo o principal motivo pela busca do método (LEAL; BAKKER, 2017).

Na atualidade, uma das grandes causas da procura pelo anticoncepcional é devido aos tratamentos dermatológicos, visto que cerca de 80% dos jovens, mulheres na idade adulta são afetadas por acnes. O fármaco atua como antiandrogênio, visto que uma das ações dos hormônios andrógenos é estimular a produção de sebo pelas glândulas sebáceas. Diante disso, esses fármacos fazem com que ocorra a estase do sebo, reduzindo, assim, sua secreção em 12,5 a 60% (BAGNOLI et al., 2010).

Entretanto, de acordo com Bahamondes e colaboradores (2011), em relação ao uso dos fármacos anticoncepcionais, observa-se alta taxa de descontinuidade, devido à baixa aderência a estes medicamentos, ocasionada pelo reflexo dos efeitos adversos. Dados demonstraram que, no Brasil, em 2011, 45% das usuárias desses fármacos interromperam seu uso nos 12 primeiros meses. Destas, 12% relacionaram o fato à ocorrência de efeitos adversos, tendo maior proporção nas usuárias que utilizavam a forma injetável com 64%.

Pode-se identificar que os sintomas mais comuns relacionados ao uso de anticoncepcionais são a irregularidade do ciclo menstrual, a ausência e/ou a diminuição do fluxo menstrual, alterações no sistema nervoso, causando cefaleia, por exemplo, alterações de humor, tonturas e irritabilidade. Além disso, observam-se também modificações no sistema gastrointestinal, como sintomas de náuseas, vômitos e epigastralgia. E, finalmente, alterações sistêmicas, como mastalgia e alteração de peso (AMÉRICO et al., 2013).

Os efeitos adversos devido ao uso desses fármacos se relacionam à dosagem hormonal e ao tempo e fatores predisponentes individuais. De acordo com um estudo realizado por Carrias e colaboradores (2019), 63,8% das respondentes relataram ter sofrido alguns efeitos adversos decorrentes do uso de anticoncepcionais, sendo que 32,4% foram relacionados ao ganho de peso, 24,3% se referiram a alterações de humor, 13,5% relataram



ter tido dores nas mamas, 4,1%, cefaleias, e, 2,7%, dores abdominais, visto que foram os efeitos mais comuns entre as pesquisadas (CARRIAS et al., 2019).

Além disso, fatores como hipertensão arterial sistêmica (HAS), idade superior a 35 anos e tabagismo são contraindicações para o uso de anticoncepcionais. Um estudo, realizado em 2017 por Corrêa e colaboradores, identificou que 20,0% das mulheres apresentam contraindicações para o uso do fármaco. Neste estudo, entre as 20.454 mulheres participantes, 11,7% não deveriam estar fazendo o uso do método (CORRÊA et al., 2017).

Diante do exposto, em outro estudo realizado por Siqueira, Sato e Santiago (2017), identificaram-se algumas doenças existentes entre as usuárias que são contraindicadas no uso de anticoncepcionais. Entre as respostas, 26 mulheres apresentavam colesterol alto, 25 relataram ter varizes, 4 tinham problemas cardíacos e 6 entrevistadas informaram ter outras doenças, como ovário policístico e hipotireoidismo.

Neste contexto, mulheres que apresentem outras doenças, como obesidade, hipertensão não controlada, doenças circulatórias, tabagismo, etilismo crônico e cardiopatias agressivas, representam o grupo de risco para o uso dessa classe de fármacos. Isso se deve ao fato de os anticoncepcionais aumentarem a probabilidade de agravar estas doenças e devido ao aumento da probabilidade de ocorrência de acidente vascular cerebral, de tromboembolismo pulmonar e de problemas cardíacos (GIRIBELA, 2013).

### **3.4 Efeitos adversos devido ao uso prolongado de anticoncepcionais**

Hoje em dia, qualquer medicamento pode ocasionar efeitos adversos às pessoas que o utilizam, entretanto, os anticoncepcionais causam efeitos em vários sistemas do corpo. Estes efeitos podem ser agravados pelo seu tempo de uso, por doenças preexistentes, pelo fármaco utilizado e de acordo com a condição de saúde individual (COUTO et al., 2020).

A literatura traz informações associando o uso prolongado de anticoncepcionais ao aumento da incidência de fatores que podem trazer agravo à saúde dessas mulheres, tais como a hipertensão, em que a presença do estrogênio exógeno ocasiona a exacerbação da produção de angiotensinogênio hepático, que leva ao aumento da pressão arterial, devido à retenção de água e sódio, ocasionada pelo sistema renina-angiotensina aldosterona (SRAA) (BRITO; NOBRE; VIEIRA, 2011).

Outro fator que tem sido relacionado ao uso prolongado de anticoncepcionais é a alteração no sistema de coagulação, o que ocasiona o aumento de trombina e de fatores de coagulação, além de acarretar a redução dos fatores naturais da anticoagulação e alterações na parede vascular. Essas modificações favorecem o desenvolvimento de acidente vascular encefálico (AVE), hemorrágico e isquêmico. Ademais, esses fármacos

também aumentam o risco de infarto agudo do miocárdio (IAM), tromboembolismo venoso (TEV) e o aumento da quantidade do colesterol LDL (*Low Density Lipid*), além da redução do HDL (*High Density Lipid*) séricos (LIMA et al., 2017).

Entretanto, o efeito adverso mais relatado nos artigos foi à relação do uso de contraceptivos orais combinados com o aumento do risco para tromboembolismo venoso (TEV). Foram identificados fatores como a estase sanguínea e a hipercoagulabilidade, descritas como os principais fatores para a ocorrência deste efeito adverso (SANTOS, 2017).

Um estudo realizado por Steckert, Nunes e Alano (2016), demonstrou que 59,15% das entrevistadas usavam contraceptivo hormonal oral de terceira geração. Neste mesmo estudo, em relação às que usavam os fármacos dessa classe, mas de segunda geração, o percentual observado foi de 40,84%. Entretanto, foi evidenciado que a terceira geração desses fármacos apresenta risco duas vezes maior de desenvolver um evento tromboembólico. Com isso, 80,95% das entrevistadas do estudo usavam um anticoncepcional com risco de tromboembolismo venoso.

Portanto, esta classe de fármaco interfere diretamente no sistema de hemostasia do corpo, pois provoca resistência à proteína C, a qual tem papel fundamental no processo de anticoagulação, favorecendo a fatores de coagulação, como fibrinogênio, fator VII, fator VIII, fator IX, fator X, fator XII e fator XIII. Além disso, esses fármacos inibem fatores anticoagulantes naturais, como a proteína S e a proteína C reativa, favorecendo o processo de hipercoagulabilidade (DUARTE, 2017).

Estima-se que cerca de 100 milhões de mulheres utilizam, de forma contínua, os anticoncepcionais orais, sendo de extrema importância terem o conhecimento dos seus potenciais efeitos adversos, como no caso da trombose venosa profunda, que tem o risco aumentado em 2 a 6 vezes, em relação às mulheres que não utilizam esse fármaco. Isso ocorre, possivelmente, porque, na parede dos vasos sanguíneos, existem receptores de estrogênio e de progesterona, constituindo-se, portanto, alvos desses medicamentos e colocando em risco a saúde dessas mulheres (ÁLVARES; SOUSA, 2018; MAROTO; MAGALHÃES, 2018).

Diante do que fora exposto, pôde-se observar, após o levantamento de dados na literatura, que muitas mulheres têm utilizado de forma inadequada os fármacos do tipo anticoncepcionais, em vista que a maioria usa sem a prescrição médica ou sem o acompanhamento de um profissional especializado. Isso acarreta informações deficientes sobre o método, déficit no conhecimento dos efeitos adversos, além da possibilidade de ocasionar alterações em sua eficácia e aumentar o risco de desenvolver complicações à saúde dessas usuárias (ARAÚJO; BANDEIRA, 2019).

Por isso, tornam-se importantes estudos que abordam essa problemática, pois possibilita o conhecimento sobre o método a utilizar e os prejuízos que podem ocasionar ao organismo, como também fortalecer a importância pela busca de um profissional capacitado para instruir o método menos prejudicial e mais adequado ao organismo da paciente. Assim, também é importante a orientação sobre a forma correta de utilizar o método, podendo, dessa forma, aumentar sua eficácia e minimizar os desconfortos devidos aos efeitos adversos (LUZ; BARROS; BRANCO, 2021).

Neste aspecto, destaca-se a importância do profissional da Enfermagem, pois é um dos principais atuantes na atenção primária à saúde e por desempenhar um papel fundamental nas orientações educativas do planejamento reprodutivo, no aconselhamento dos métodos, além de oferecer acompanhamento clínico / assistência à saúde dessas mulheres. E, por fim, ressalta-se a importância do incentivo à pesquisa, buscando a implementação e a melhoria de políticas públicas voltadas à saúde das mulheres (FRANZE et al., 2019).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo evidenciou que o uso de anticoncepcionais vem sendo utilizado por muitas mulheres de forma errônea, devido ao alto consumo pela população feminina, sem a busca de informações prévias, orientadas por profissionais capacitados. Assim, podendo proporcionar uma baixa eficácia do medicamento e o aumento do risco de desenvolvimento de complicações adversas.

Diante do exposto, pôde-se identificar que os anticoncepcionais causam uma ampla gama de efeitos adversos entre as mulheres, dentre os quais, os mais comuns são cefaleia, náuseas, vômitos, irregularidade do ciclo menstrual, ganho de peso e alterações de humor.

Entretanto, devido ao seu uso prolongado, foi evidenciado que este fármaco pode ocasionar alterações em diversos sistemas do corpo, aumentando, assim, o risco de desenvolver diversas complicações que podem colocar em risco a saúde dessas consumidoras. Entre as principais complicações que podem ser observadas, destacam-se o desenvolvimento de tromboembolismo, o risco de acidente vascular cerebral, a hipertensão arterial sistêmica e a sensibilidade à insulina.

Diante do que fora posto, é de suma importância a criação de políticas públicas voltadas para a população feminina, entre as quais, alguma(s) que evidencie(m) cuidados, indicações, potenciais efeitos adversos e outras informações relacionados ao uso de métodos contraceptivos, além de ensino e educação sobre os tipos de contracepção. Finalmente, é mister destacar que a educação sexual deve ser promovida previamente,

devido, inclusive, à alta taxa de adolescentes que inicia a vida sexual precocemente, evocando a destacável atuação do profissional de enfermagem em todo esse processo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana; ASSIS, Marianna. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Revista Eletrônica Atualiza Saúde**, Salvador, v. 5, n. 5, p. 85-93, jan/jun, 2017. Disponível em: <http://atualizarevista.com.br/wp-content/uploads/2017/01/efeitos-colaterais-e-altera%C3%A7%C3%B5es-fisio%C3%B3gicas-relacionadas-ao-uso-cont%C3%ADnuo-de-anticoncepcionais-hormonais-orais-v-5-n-5.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2021.

ÁLVARES, Alice; SOUSA, Ismael. A trombose venosa profunda como reação adversa do uso contínuo de anticoncepcionais orais. **Revista Científica Sena Aires**, Brasília, p. 54-65, jan/jun. 2018. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/304>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ARAÚJO, Anna Barbara; PARREIRA, Anelise Molinari; VALADARES, Carolina de Assis; TOURINHO, Catarina Aguiar; PINTO, Priscilla Victoria, SOUZA, Jose Helvecio. Anticoncepcionais hormonais contendo apenas progestágenos e seus principais efeitos adversos. **Revista Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v.15, n.1, p.75-81, jun/ago. 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/6688/1/ARTIGO\\_AnticoncepcionaisHormonaisContendo.pdf](https://repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/6688/1/ARTIGO_AnticoncepcionaisHormonaisContendo.pdf). Acesso em: 15 mar. 2021.

ARAÚJO, Maria Mikaele Fernandes; BANDEIRA, Izabel Cristina Justino. Associação entre o uso contínuo de anticoncepcionais orais e o desenvolvimento de trombose venosa profunda. **Revista encontro de extensão, docência e iniciação científica (eedic)**, v. 6, nov. 2019. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/eedic/article/view/3784/3251>. Acesso em: 11 maio. 2021.

AMÉRICO, Camila Felix; NOGUEIRA, Paula Sacha Frota; VIEIRA, Rebeca Pinho Romero; BEZERRA, Cleide Gomes; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira; LOPES, Marcos Venícios de Oliveira. Knowledge of users of low-dose oral combined contraceptives about the method. **Revista Latino-americana de Enfermagem** Ribeirão Preto, v. 21, n. 4, p. 928-934, aug. 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692013000400928&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692013000400928&script=sci_arttext). Acesso em: 20 fev. 2021.

BAGNOLI, Vicente Renato; FONSECA, Angela Maggio; CEZARINO, Persio Yvon Adri; FASSOLAS, Georges; ARIE, Juliana Antunes Valente Rodrigues; BARACAT, Edmund Chada. Tratamento hormonal da acne baseado em evidências. **Revista FEMINA**, v. 38, n. 11, nov. 2010. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2010/v38n11/a565-574.pdf>. Acesso em: 1 abril. 2021.

BAHAMONDES, Luis; DUARTE, Graciana; ESPEJO, Ximena; OSIS, Maria; SOUSA, Maria; TSUNECHIRO, Maria. Fatores associados à descontinuação do uso de anticoncepcionais orais combinados. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 303-309, 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-)



DIAS, Tânia Maria; BONAN, Claudia; NAKANO, Andreza Rodrigues; MAKSUD, Ivia; TEXEIRA, Luiz Antônio. "Estará nas pílulas anticoncepcionais a solução?" Debate na mídia entre 1960-1970. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-19. 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2018000300203](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300203). Acesso em: 15 mar. 2021.

DUARTE, Ana Jayne Vieira. **Os anticoncepcionais orais como fatores de risco para a trombose venosa profunda**. 2017. 47 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biomedicina) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, UniCEUB, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11698/1/21458873.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

FERRARI, Daniane Novais; ANDRADE, Tânia Cristina Santos. **Efeitos do uso de contraceptivos hormonais em mulheres**. 2015. 20 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biomedicina) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6858/1/21230366.pdf>. Acesso: 10 abril. 2021.

FERREIRA, Laura Fernandes; D'AVILA, Adelaide Maria Ferreira Campos; SAFATLE, Giselle Cunha Barbosa. O uso da pílula anticoncepcional e as alterações das principais vias metabólicas. *Femina*. **Revista FEMINA**, v. 47, n. 7, p. 426-432, abr/mai. 2019. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/12/1046533/femina-2019-477-426-432.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

FERRERA, Ana Paula Cavalcante; BARRETO, Ana Cláudia Mateus; SANTOS, Janaína Luiza; COUTO, Leila Leontina; KNUPP, Virginia Maria. (Des) conhecimento de mulheres sobre a utilização de métodos contraceptivos. **Revista Enfermagem UFPE online**, Recife, v. 13, n 5, p. 1354-60, mai. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1024408>. Acesso em 20 fev. 2021.

FRANZE, Ana Maria; BENEDET, Deisi Cristine; WALL, Marilene Loewen; TRIGUEIRO, Tatiane Herreira; SOUZA, Silvana Regina. Planejamento reprodutivo nas orientações em saúde: revisão integrativa. **Revista Família, ciclo de vida e saúde no contexto social**, v. 7, n. 3, p. 366-377, out/jan. 2019. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/3759/pdf>. Acesso em: 10 maio. 2021.

GIOTTO, Ani Cátia; FREITAS, Fernanda Santos. Conhecimento sobre as consequências do uso de anticoncepcional hormonal. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 1, n. 2, p. 91-5, jul/dez 2018. Disponível em: <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/56>. Acesso em: 16 mar. 2021.

GIRIBELA, Cassiana Rosa Galvão. Recomendações para contracepção em mulheres hipertensas. **Revista Brasileira de Hipertensão**, v. 20, e 4, p.169-170, mai/jul. 2013. Disponível em: [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/03/881613/rbh-v20n4\\_169-170.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/03/881613/rbh-v20n4_169-170.pdf). Acesso em: 20 maio 2021.

HAERTEL, Juliana Costa; GUEDES, Ariane da Cruz; CASARIN, Sidnéia Tessmer; MACHADO, Roberta Antunes; LOPES, Caroline Vasconcellos. Saberes e práticas sobre o uso do contraceptivo hormonal oral por mulheres em idade fértil. **Revista Journal of Nursing and Health**, v. 10, n. 1, p. 1-21, abr/mai. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1097610>. Acesso em: 22 fev. 2021.

LEAL, Tatiane; BAKKER, Bruna. A mulher bioquímica: invenções do feminino a partir de discursos sobre a pílula anticoncepcional. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. v. 11, n. 3, jul/set. 2017. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1303>. Acesso em: 22 fev. 2021.

LIMA, Adman Câmara; MARTINS, Larissa Castelo; Lopes, Marcos Venícios; Araújo, Thelma; LIMA, Francisca Elisângela; AQUINO, Priscila de Souza; MOURA Escolástica Rejane. Influência de anticoncepcionais hormonais e ocorrência de acidente vascular cerebral: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 3, p. 647-655, jun, 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reben/v70n3/pt\\_0034-7167-reben-70-03-0647.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v70n3/pt_0034-7167-reben-70-03-0647.pdf). Acesso em 22 fev.2021.

LIMA, Larissa Nobre; COTA, Luiz Henrique; COSTA, Marina Barbosa; FERREIRA, Mônica Caroline, ORSI, Paula Miranda; ESPÍNDOLA, Rodolfo Pereira; ESTEVES, Andreia Majella; VELOSO, Roberta Bessa. Conhecimento dos estudantes da área da saúde acerca dos riscos dos anticoncepcionais hormonais. **Revista Acervo Saúde**, v. 36, e. 1335, p. 1-8, jul/ago. 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1335/1124>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LOPES, Maria Bernadete. **Cinquenta Anos da Pílula Anticoncepcional**. 2014. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Química) – Universidade Federal Fluminense, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/4823/1/Monografia%20final%20corrigida%20catalografada.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2021.

LUZ, Amanda Letícia; BARROS, Lissandra de Sousa; BRANCO, Alessandra Camillo. Métodos contraceptivos: Principais riscos e efeitos adversos. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 12, n. 1, e. 24112, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/24112/13923>. Acesso em: 10 maio. 2021.

MACHADO, Rogério Bonassi; MAGALHÃES, Jarbas; POMPEI, Luciano Melo; FILHO, Hugo Maia. Anticoncepcionais orais combinados em regime estendido. **Revista FEMINA**, v 39, nº 10, p. 477. 2011. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2011/v39n10/a2961.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

MAGALHÃES, Amanda Valéria; MAROTO, Cléssia Bezerra; SANTOS, Giglielli Modesto. Anticoncepcional oral como fator de risco para trombose em mulheres jovens. **Revista Journal of Medicine and Health Promotion**, v. 2, n. 3, p. 681-691, out/dez. 2017. Disponível em: <http://jmhp.fiponline.edu.br/pdf/cliente=13-1b53c63866e8ecb9a421ae5d35e1050b.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MAROTO, Cléssia Bezerra Alves; MAGALHÃES, Amanda Valéria Pires. Avaliação do uso de anticoncepcional oral combinado como fator de risco para o desenvolvimento de trombose em mulheres jovens da cidade de patos. **Revista Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, Recife, v. 4, n. 1, p. 77-88, nov. 2018. Disponível em <https://periodicos.set.edu.br/facipesaude/article/view/6415/3151>. Acesso em: 16 mar. 2021.

(OMS) ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Universidade Johns Hopkins. **Planejamento familiar**: um manual global para profissionais e serviços de saúde: orientações baseadas em evidência científica, elaboradas por meio de colaboração em âmbito mundial: um dos pilares do planejamento familiar da OMS. Genebra; OMS; 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4950384/mod\\_resource/content/1/9780978856304\\_](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4950384/mod_resource/content/1/9780978856304_)

por.pdf%3Bjsessionid%3D174C2899A4E7CC4A4AFDA10FBCA56CB4.pdf. Acesso em: 11 mar. 2021.

PRADO, Daniela Siqueira; SANTOS, Danielle Loyola. Contracepção em usuárias dos setores público e privado de saúde. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, p. 143-149, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbgo/v33n7/a05v33n7.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

RIBEIRO, Cristiane Crisp; SHIMO, Antonieta Keiko; LOPES, Maria Helena Baena; LAMAS, José Luiz Tatagiba. Efeitos dos diferentes anticoncepcionais hormonais nos valores de pressão arterial da mulher. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, e. 3, p. 1453-1459. 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reben/v71s3/pt\\_0034-7167-reben-71-s3-1453.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v71s3/pt_0034-7167-reben-71-s3-1453.pdf). Acesso em: 10 abr. 2021.

SAMPAIO, Amanda Freire; MARINHO, Iara Helena de Meireles; SÁ, Isabella Almeida; GOMES, Patrícia Oliva; FARIA, Sara Saba; TAVARES, Talles Mourão de Pinho; SOUZA, José Helvécio Kalil de. O uso de contraceptivos orais combinados e o risco de trombose venosa profunda em mulheres em idade reprodutiva. **Revista Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, Brasil, v. 28, n. 1, p. 42-48, set/nov, 2019. Disponível em: [https://www.mastereditora.com.br/periodico/20190905\\_224655.pdf](https://www.mastereditora.com.br/periodico/20190905_224655.pdf). Acesso em: 12 fev. 2021.

SANTOS, Vanessa Barbosa. **Revisão bibliográfica sobre a trombose venosa profunda relacionada ao uso de anticoncepcional oral**. 2017. 54 f. Monografia (bacharelado em Farmácia) - Faculdade Maria Milza, Governador Mangabeira - BA, 2017. Disponível em: <http://famamportal.com.br:8082/jspui/bitstream/123456789/420/1/TCC%20Vanessa%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SIQUEIRA, Taciane Christine; SATO, Marcelo Del Olmo; SANTIAGO, Ronise Martins. Reações adversas em usuárias de anticoncepcionais orais. **Revista Eletrônica de Farmácia**, Goiânia, v. 14, n. 4, p. 56-65. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/REF/article/view/45511/pdf>. Acesso em: 10 maio. 2021.

STECKERT, Ana Paula; NUNES, Sabrina Figueredo; ALANO, Graziela Modolon. Contraceptivos hormonais orais: utilização e fatores de risco em universitárias. **Revista Arquivos Catarinense de Medicina**. Santa Catarina, v. 45, n 1, p. 78-92, jan/mar, 2016. Disponível em: <http://www.acm.org.br/acm/seer/index.php/arquivos/article/view/64>. Acesso em: 22 fev. 2021.

VIEIRA, Ellayne Lima; PESSOA, Grazyella Ricelly; VIEIRA, Luanna Lim; CARVALHO, Wyllyane Rayana; FIRMO, Wellyson da Cunha. Uso e conhecimento sobre métodos contraceptivos de estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-ma. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 9, n.2, p. 88-107, ago. 2016. Disponível em: [https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/78/Artigo\\_10.pdf](https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/78/Artigo_10.pdf). Acesso em: 17 mar. 2021.